

**Pornografias em rede: uma análise do desejo sexual  
a partir do relatório *pornhub***

***Pornographies in network: an analysis of sexual  
desire based on the *pornhub* report***

Maurício Barros do AMARAL<sup>1</sup>  
Leonardo Magela Lopes MATOSO<sup>2</sup>  
Francisco Ewerton Aleixo da SILVA<sup>3</sup>

**Resumo**

O consumo da pornografia na contemporaneidade é um fenômeno mediado por discursos que moldam corpos, desejos e sexualidades, produzindo subjetividades e regimes de verdade sobre o sexo. Este estudo buscou compreender criticamente os modos de subjetivação, articulando dados do relatório anual do *PornHub* de 2025 e os conteúdos publicados pelo perfil no X. Fundamenta-se em Foucault (2008), Preciado (2008) e Bataille (2013), pelos quais se compreende a pornografia e a mídia como tecnologias discursivas e biopolíticas de poder/saber. Os dados indicam que a idade média global dos usuários é de 38 anos, com tempo médio de acesso de 9 minutos e 33 segundos. Os termos mais buscados refletem desejos de infantilização animada, erotização colonial e lógica neoliberal do prazer. As categorias trans surgem como fetiche contrassexual, reafirmando a desumanização dos corpos dissidentes. Conclui-se que a pornografia *mainstream* atua como dispositivo biopolítico que regula o desejo e desigualdades.

**Palavras-chave:** Pornografia. Desejo. Corpo. Algoritmos. *PornHub*.

**Abstract**

The consumption of pornography in contemporary society constitutes a phenomenon mediated by discourses that shape bodies, desires, and sexualities, producing subjectivities and regimes of truth about sex. This study sought to critically examine modes of subjectivation by articulating data from Pornhub's 2025 annual report and content published on the platform's profile on X. It is grounded in Foucault (2008), Preciado (2008), and Bataille (2013), through whom pornography and media are understood as discursive and biopolitical technologies of power/knowledge. The data indicate that the global average age of users is 38 years, with an average access time of 9 minutes and 33 seconds. The most searched terms reflect desires related to animated

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: mauriciobarrosjorn@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorando no (PPgEM/UFRN). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: chicoewerton22@gmail.com

infantilization, colonial eroticization, and a neoliberal logic of pleasure. Trans categories emerge as a countersexual fetish, reaffirming the dehumanization of dissident bodies. It is concluded that mainstream pornography operates as a biopolitical dispositif that regulates desire and sustains inequalities.

**Keywords:** Pornography. Desire. Body. Algorithms. Pornhub.

## Introdução

A pornografia, enquanto representação visual e simbólica de atos sexuais, acompanha a história da humanidade desde seus primeiros registros. Perpassando diferentes culturas e civilizações, as sociedades se estruturavam através de imagens e narrativas eróticas, que ocupavam funções que iam da celebração da fertilidade, como nos povos Moches do Peru, à produção de prazer estético, marcante nas culturas egípcia, grega e romana. À época, inscritas em objetos, esculturas, pinturas e textos, expressavam o fascínio humano pela pornografia, mas para além disso, traçavam um perfil social sobre as concepções de corpo, poder e moralidade, atrelados ao estímulo dos desejos.

Embora essas práticas e manifestações já existissem desde os tempos passados, foi somente a partir do século XIX que o termo “pornografia” passou a ser sistematicamente utilizado, conforme aponta Benjamin Veschi (2019), marcando uma virada discursiva que associa o conceito a debates sobre censura, moral e cultura de massa.

Veschi (2019) aborda a palavra *pornografia* a partir de sua origem grega, destacando que o termo se compõe de *pórnē* (prostituta) e *graphé* (escrita, descrição). Assim, originalmente, pornografia significava literalmente a *escrita sobre prostitutas* ou *descrição das prostitutas*, apontando para um sentido que envolvia tanto o registro quanto a representação textual ou imagética dessas mulheres.

Para Laura Silva (2015), ao longo da história, a pornografia carregou sentidos negativos, sendo frequentemente associada ao não dito, ao marginal e ao “baixo valor”. Ela observa que, na cultura contemporânea, a pornografia ocupa um lugar paradoxal: amplamente consumida, mas socialmente invisibilizada, como se sua existência devesse ser negada ou silenciada. Nesse contexto, o termo “pornográfico” funciona em grande parte dos discursos sociais como pejorativo, capaz de deslegitimar produções artísticas ou literárias a ele associadas. Apesar da diversidade de expressões e suportes, a

pornografia permanece vinculada ao que é considerado obsceno, vulgar e moralmente condenável.

Na ótica de Walter Kendrick (1987), a pornografia é uma invenção cultural moderna, marcada pelo segredo, pela noção de transgressão e pela organização de um “museu secreto” de sexualidade oculta, em que revela-se os regimes morais e políticos que estruturam sua visibilidade. Já Linda Williams (1989), defende que a pornografia pode ser encarada como gênero cinematográfico específico, cujo objetivo é exhibir a sexualidade de forma explícita e detalhada, produzindo um “frenesi do visível” que articula prazer, poder e performance, expandindo as fronteiras da representação sexual.

Nessa vertente, a definição de pornografia é multifacetada, depende do contexto que o termo se insere e no modo como será representado discursivamente. Entretanto, o conceito carrega algo universal, sendo a ideia de que transcende a mera representação do sexo explícito, funcionando como um marcador social de exclusão e um regulador simbólico das normas que definem o que pode ou não ser visto, dito e legitimado culturalmente.

É importante destacar que, embora frequentemente confundidos, pornografia e erotismo não são sinônimos. O erotismo se vincula a uma estética do desejo, marcada por sutilezas e jogos simbólicos que envolvem corpo e prazer de forma menos explícita. Segundo Georges Bataille (2013), “o erotismo não é uma apologia à imoralidade [...], mas uma experiência que integra razão e vivência, provocando reflexões sobre os tabus e limites impostos pela sociedade” (p. 796).

Já a pornografia, ao focar na exibição direta do sexo, busca predominantemente a excitação imediata, sem mediações simbólicas ou estéticas. Sua função envolve, além da performance explícita, a padronização e o uso comercial do prazer corporal. Para Bataille (2013), é uma dissolução dos interditos, uma transgressão dos limites do interdito sexual e uma exposição direta do sexo, vinculando-a à animalidade, ao sacrifício e à morte simbólica.

O fenômeno da pornografia reinventa-se continuamente, assumindo múltiplas formas ao longo do tempo. Desde as revistas impressas, como *Playboy* (1953) e *Penthouse* (1965), que consolidaram o consumo de imagens fotográficas erotizadas, até a migração para o ambiente digital, a pornografia expandiu seus formatos e acessos. No Brasil, além da circulação de revistas e *VHS* pornográficos, houve também a presença de audiovisualidades erotizadas na televisão aberta, como a série *Emmanuelle*, exibida nas

madrugadas da Rede Bandeirantes (Band), que se tornou ícone da pornografia *softcore*<sup>4</sup> veiculada em canais acessíveis ao grande público.

Com a internet, esse consumo se massificou ainda mais, e a pornografia passou a ser disponibilizada em plataformas especializadas de conteúdo adulto, conhecidas como +18, construindo o que se pode chamar de uma cultura sexualizada digital. Essa disponibilidade ampla e imediata reflete não apenas transformações tecnológicas, mas também reconfigurações dos modos de subjetivação do desejo e do olhar, reorganizando práticas de prazer, consumo e poder sobre os corpos. Ou seja, são produzidos e comercializados, formando uma vitrine sexual que determina, ora o desejo, ora quais corpos merecem visibilidade.

É nesse contexto que se insere o *PornHub*, atualmente um dos maiores sites de pornografia do mundo. Fundado em 2007, o *PornHub* consolidou-se como símbolo da chamada pornografia *mainstream*<sup>5</sup> digital, operando como uma rede complexa de produção, curadoria e distribuição de conteúdo pornográfico gratuito que se divide em duas categorias: amador e profissional. O repositório de vídeos tem mecanismos próprios e utiliza algoritmos para personalizar as experiências, moldando comportamentos e preferências.

Segundo a etnografia desenvolvida por Maria Júlia Veiga (2015), o *PornHub* opera a partir de uma lógica própria, estruturada para potencializar o consumo e a circulação de desejos. Em sua página inicial, apresenta uma grande variedade de fetiches e categorias, organizadas de forma a facilitar o acesso imediato aos diferentes tipos de prazer. Cada vídeo disponibilizado contém informações detalhadas, incluindo o número de visualizações, porcentagem de aprovação, quantidade de curtidas e descurtidas, nomes dos atores envolvidos, categorias e *tags*<sup>6</sup> específicas, compondo um sistema de dados que orienta tanto o consumo quanto a curadoria algorítmica do conteúdo.

Também, a plataforma incentiva a participação ativa ao permitir a criação de *tags* e categorias, ampliando o engajamento e o senso de pertencimento. A preservação do

---

<sup>4</sup> Produções eróticas com nudez parcial ou total e cenas sexuais sugeridas, sem exibição explícita de penetração ou atos gráficos. O *softcore* privilegia a erotização estética, o clima sensual, o contexto narrativo e o desejo velado, mantendo suavidade visual.

<sup>5</sup> Refere-se a produtos, ideias ou conteúdos amplamente aceitos e consumidos pelo grande público, as massas.

<sup>6</sup> Termo em inglês que significa "etiqueta" ou "marcador"; usado para classificar e organizar conteúdos em plataformas digitais, facilitando a busca por temas específicos.

anonimato, mesmo com verificação de identidade, oferece segurança simbólica e reforça o consumo desimplicado. Por fim, funcionalidades típicas de comunidades virtuais organizam interações voltadas ao sexo digital e à formação de redes de desejo mediadas pela plataforma.

Assim, o intuito desta pesquisa é investigar criticamente como a pornografia contemporânea é produzida, consumida e interpretada, considerando não apenas os dados quantitativos, como também, as divulgações na internet. Ao articular análises do Relatório Anual do *PornHub* 2025 e os mecanismos de circulação do perfil no X, busca-se compreender de que forma corpos, desejos e práticas sexuais são representados, normatizados e disputados, revelando os mecanismos de poder e as formas de subjetivação que atravessam o consumo pornográfico digital.

Dessa forma, torna-se fundamental mapear como esses dois espaços, o institucional (relatório estatístico) e o micropolítico (práticas de divulgação), articulam e disputam sentidos sobre corpo e sexualidade, permitindo uma leitura cartográfica e foucaultiana dos modos de produção de subjetividade no consumo pornográfico digital.

A partir deste artigo, buscamos responder à seguinte questão: *de que forma as publicações e estratégias de marketing no X, juntamente com os dados do PornHub 2025, constroem sentidos sobre corpo, desejo e sexualidade na pornografia digital?*

## **Materiais e métodos**

Esse estudo se configura como uma pesquisa qualitativa, com aporte cartográfico e arqueogenealógico, buscando tensionar dados empíricos com teorias críticas da sexualidade, do corpo e do desejo com base na análise do Relatório Anual do *PornHub* de 2025. Buscou-se, logo, articular duas abordagens metodológicas complementares: a cartografia crítica inspirada em Suely Rolnik (2021) e a arqueogenealogia de Michel Foucault (2008), como estratégia para rastrear os regimes históricos e discursivos que sustentam as práticas pornográficas digitais.

A cartografia crítica, por sua vez, serve como ferramenta para acompanhar fluxos, intensidades e agenciamentos que operam nas redes sociais e plataformas pornográficas. Trata-se de um método sensível às forças que atravessam os corpos em rede, permitindo mapear os modos como o desejo é mobilizado, capturado, disperso ou reterritorializado nas interações online (Rolnik, 2021).

A arqueogenealogia permite localizar os regimes de saber-poder que sustentam e normatizam os modos de ver, julgar e consumir pornografia, estabelecendo pontes entre os discursos contemporâneos e as formas históricas de governamentalidade da sexualidade. Esta estratégia visa desnaturalizar os modos atuais de gozo e exposição dos corpos, iluminando suas raízes e mutações ao longo do tempo (Foucault, 2008).

A unidade de análise foi o Relatório Anual do *PornHub* 2025 (*Year in Review*). Esse oferece dados quantitativos sobre consumo, como categorias mais buscadas, distribuição por país, gênero, faixa etária, tipo de dispositivo e tempo de permanência. As inferências serviram como base para um cruzamento crítico com as estratégias de marketing analisadas, permitindo observar convergências, deslocamentos e tensões entre o discurso institucional da plataforma e os modos de apropriação, desejo e interação dos usuários.

A seleção dos dados seguiu uma lógica de amostragem teórica, priorizando postagens com maior número de curtidas, compartilhamentos e interações, especialmente aquelas com conteúdo visualmente explícito ou *links* para vídeos, observando como os corpos são apresentados sob viés de venda.

Os dados foram analisados por meio da Análise do Discurso, orientada por Foucault (2021), permitindo compreender como o *PornHub* divulga e promove seus conteúdos no X, considerando estratégias, linguagens e formatos, e examinando os modos de subjetivação, efeitos de verdade e jogos de poder presentes nessas práticas digitais.

### **Pornografia e regimes de desejo: corpos, algoritmos e circuitos globais**

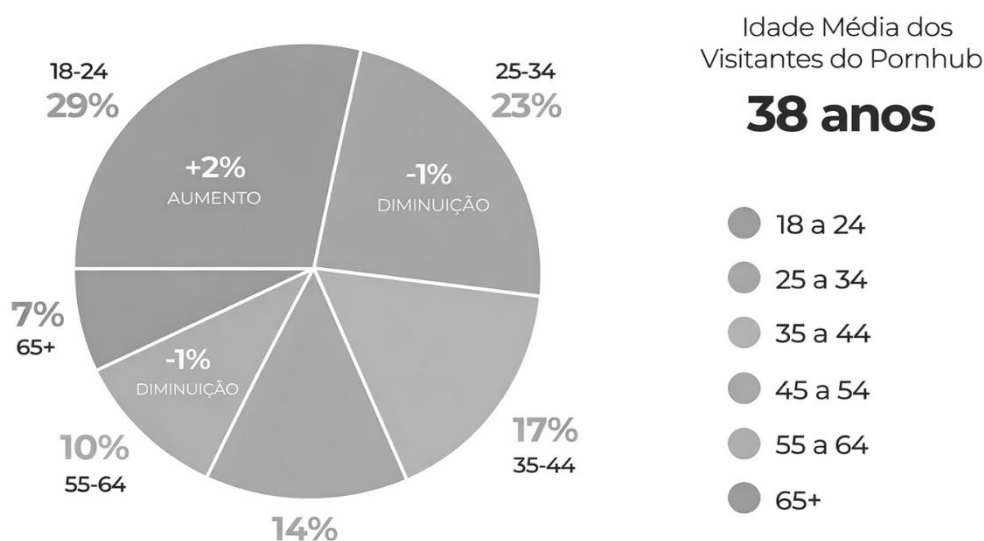
O consumo de pornografia contemporânea configura-se como um campo de intersecções discursivos, no qual corpos, desejos e sexualidades são performados, disciplinados e transgredidos. Em meio à lógica algorítmica das plataformas e à hipere Exposição dos afetos e do gozo, o *PornHub*, enquanto megaplataforma de conteúdo adulto, não apenas organiza estatisticamente as preferências pornográficas globais, como também institui regimes normativos sobre o que pode e deve ser desejado.

Paul B. Preciado (2008), ao propor o conceito de farmacopornografia, aponta que vivemos em um regime biopolítico em que tecnologias farmacológicas (hormônios, contraceptivos, drogas de performance sexual) e audiovisuais (pornografia digital, *camming*, plataformas de vídeo) se articulam para governar e modelar corpos sexuais,

produzindo performances corporais que alimentam o capitalismo afetivo e cognitivo. Um exemplo dessa articulação é o crescimento de vídeos de performances transsexuais em plataformas como *PornHub* e *OnlyFans*, cujos corpos hormonizados tornam-se objetos de consumo massivo e são produzidos por regimes farmacológicos de gênero.

Ao analisar o relatório do *PornHub* de 2025, evidenciou-se que a faixa de idade global dos visitantes da plataforma é de 18 a mais de 65 anos, no qual a média foi de 38 anos. Não é explícito a faixa de idade das pessoas que acessam no Brasil (Figura 1).

Figura 1 – Faixa Etária de acesso global ao *PornHub*.



Fonte: Relatório/*PornHub* 2025.

Observou-se que o tempo médio de acesso dos vídeos globais na plataforma foi de 9 minutos e 33 segundos. Já no Brasil, o tempo foi de 8 minutos e 57 segundos. Os termos mais acessados no Mundo foram *Hentai*, *Milf*, *Pinay*, *Lesbian* e *Anal*. O tempo médio revela não apenas a duração do engajamento, mas também sugere modos de uso da pornografia como dispositivo de satisfação rápida e imediata, possivelmente articulado a rotinas de masturbação orientadas pela lógica do gozo instantâneo, característica do que Preciado (2008) descreve como farmacopornografia: uma biopolítica de estímulos rápidos, contínuos e descartáveis, que conecta corpo, desejo e capitalismo cognitivo.

Além disso, os termos mais acessados globalmente evidenciam padrões de desejo atravessados por erotização racializada e orientalista (como *Hentai* e *Pinay*, este último referindo-se a mulheres filipinas), por categorias de gênero e maternidade erotizada (*Milf*), por pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbico) e por práticas sexuais específicas (*Anal*),



organizando uma gramática pornográfica global que territorializa e racializa o desejo ao mesmo tempo em que reproduz fantasias hegemônicas de gênero, sexualidade e raça.

No Brasil, os dados do relatório revelam complexidades sobre o consumo pornográfico e suas implicações socioculturais e psíquicas. O termo mais buscado pelos brasileiros foi *hentai*, seguido por *brasileira*, *punheta guiada (JOI)*, *anal* e *milf*, compondo um mosaico de desejos que tensionam questões de nacionalidade, fantasia, gênero e poder. O domínio do *hentai* aponta para uma erotização animada que frequentemente se ancora em personagens infantilizadas ou roteiros de violência simbólica, revelando um desejo que transita entre o proibido e o permitido, no qual o corpo real é substituído pelo corpo desenhado, permitindo uma fantasia ilimitada e desresponsabilizada.

O segundo termo mais buscado, *brasileira*, revela um nacionalismo pornográfico que transforma o corpo nacional em fetiche, articulando-se com imaginários de raça, gênero e classe. A busca por *punheta guiada (JOI)* evidencia a lógica neoliberal do prazer comandado: o sujeito se submete às ordens para a masturbação, abrindo mão da autonomia do próprio gozo em troca de uma performance roteirizada, como um “coaching masturbatório” que reencena a submissão como prazer.

A categoria *trans* aparece entre as mais buscadas, o que pode revelar uma fissura do desejo cis-heteronormativo, atraído por corpos que escapam das dicotomias normativas de gênero, mas ao mesmo tempo consome essas imagens de forma fetichizada, desumanizando sujeitos trans enquanto produz prazer e repulsa, medo e fascínio. Esse dado articula-se com a análise de Preciado (2008) sobre a pornografia como laboratório político e biopolítico do sexo-gênero, em que o corpo trans aparece como espetáculo contrassexual e não como sujeito desejante (Figura 2).

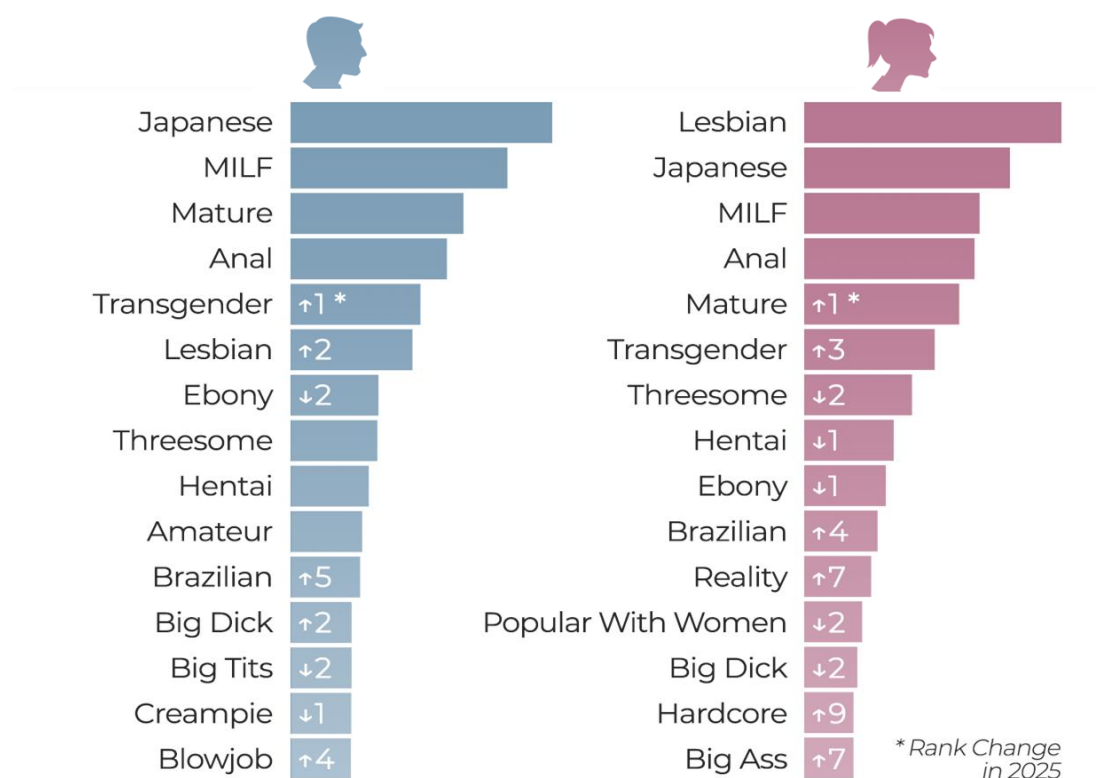


Figura 2 – Termos/Categorias mais acessadas no Brasil no *PornHub* em 2025

Fonte: Relatório/*PornHub* 2025

Na comparação de categorias favoritas entre homens e mulheres, nota-se que ambos compartilham interesses por *Japanese*, *MILF*, *Mature* e *Anal*, mas para as mulheres, *Lesbian* ocupa o primeiro lugar, evidenciando o consumo como campo de identificação e erotização de experiências homoeróticas femininas. Já entre os homens, *Japanese* e *MILF* dominam, sinalizando a persistência de fantasias de submissão racializada e de mulheres maduras (Figura 3).

Figura 3 – Comparação de Categorias entre Homens e Mulheres no Brasil em 2025



Fonte: Relatório/PornHub 2025.

Evidenciou-se ainda que existiu um aumento nas buscas do Brasil direcionado as categorias como *sexo em grupo* (+544%), *punheta trans* (+488%), *coroa gostosa transando* (+442%), *morena gostosa brasileira* (+337%), e *lesbicas tesoura* (+231%), se comparado aos anos anteriores. Essas buscas apontam para a crescente demanda por narrativas performáticas e experiências multissensoriais, nas quais o proibido (casada) ou a ludicidade do jogo (verdade ou desafio) intensificam o prazer ao transgredir normas morais. Isso corrobora a ideia psicanalítica de que o desejo é sempre desejo do Outro, mas aqui, o Outro se torna um mercado de roteiros e vozes programadas para maximizar o gozo individual.

Um aspecto relevante a ser considerado é o fato de as categorias trans e lésbicas figurarem entre aquelas que mais apareceram nos dados apresentados acima, sobretudo em um contexto nacional marcado por índices elevados de violência contra a população LGBTQIAPN+. De acordo com dados do Observatório do Grupo Gay da Bahia, entre suicídios, latrocínios e homicídios, uma pessoa LGBT foi morta a cada 34 horas em todo

o território nacional, totalizando 257 mortes ao longo do ano de 2025<sup>7</sup>. Nesse sentido, observa-se uma contradição significativa: usuários da plataforma consomem, por meio de dispositivos móveis e *desktops*, conteúdos relacionados a identidades e práticas que, no plano social mais amplo, são frequentemente alvo de estigmatização, rejeição e violência.

Neste sentido, a teoria *queer* nos lembra que a pornografia não é um território livre das normas. Pelo contrário, mesmo nos conteúdos que se dizem transgressivos como os vídeos “trans”, “lésbicos” ou “amadores” existe uma operação de reinscrição da norma cisheteropatriarcal. A travesti é desejada como fetiche, não como sujeito; a lésbica é representada para o olhar masculino, e o “amador” serve para dar verossimilhança a uma violência que se pretende natural.

Aparentemente inofensivas, essas categorias constroem um imaginário que erotiza a infantilização, a submissão e a simulação da inocência. Gêneros como *hentai*, assim como o *cosplay* erotizado, o *ASMR* sussurrado e o *JOI*, reforçam uma estética da fragilidade como objeto de desejo. Nesse cenário, o desejo desloca-se da alteridade real para a domesticação do outro, marcada pelo controle, pela submissão e pela infantilização.

Não trata-se, evidentemente, de afirmar que o brasileiro consome pornografia infantil de forma explícita. Isso seria uma acusação que escapa à ética e à legalidade de qualquer análise séria. O que se coloca, no entanto, é mais inquietante: o desejo por simulações da infância, a busca pelo corpo frágil, inexperiente, que obedece como se a experiência sexual devesse sempre repetir o roteiro da dominação.

Esse cenário ganha camadas ainda mais complexas quando inserimos o fator racial. A palavra “ebony”, frequentemente usada na pornografia para categorizar corpos negros, aparece como fetiche e não como protagonismo. A mulher negra, no imaginário pornográfico global, ainda é representada como corpo disponível, potente e subalterno. No Brasil, essa lógica se estende à categoria “Brazilian”, que raramente representa um corpo branco e burguês, o que se busca é o corpo da periferia, racializado, fetichizado como quente, submisso, acessível.

O desejo não mente, mas também não fala diretamente. Ele se insinua nos sintomas, nas repetições, nos objetos que escolhe para investir. O sujeito contemporâneo, tomado por uma avalanche de estímulos e vazios, busca em figuras infantilizadas uma

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2026/01/18/mortes-violentas-de-pessoas-lgbt-2025.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2026.

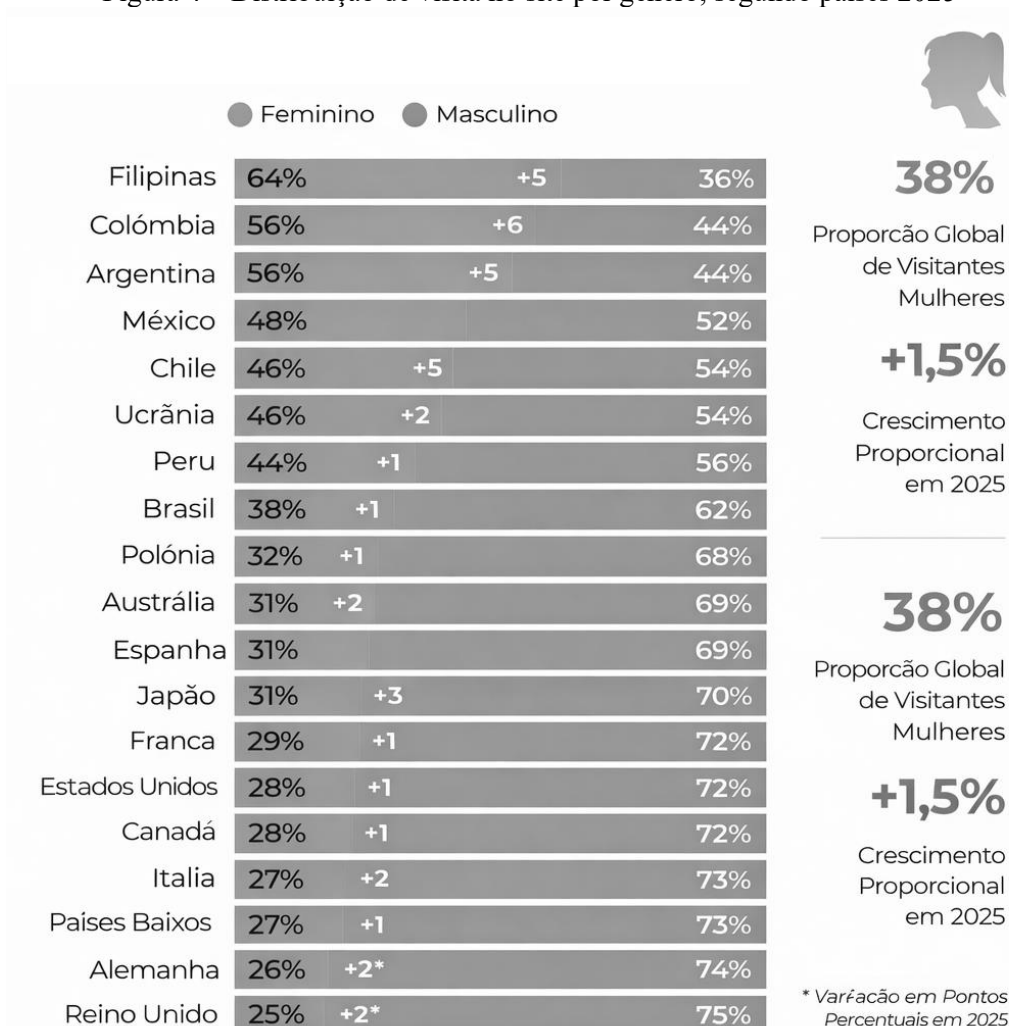
possibilidade de domínio simbólico sobre o outro. A fantasia torna-se uma zona no qual a Lei se suspende e o que emerge, muitas vezes, é a angústia de um desejo que quer o gozo sem o risco da alteridade.

É necessário afirmar claramente: a pornografia, em sua configuração contemporânea, funciona como uma tecnologia de poder que reproduz desigualdades estruturais. O que mais chama atenção é a recorrência da estética infantilizada — corpos pequenos, vozes agudas, performances submissas — frequentemente apresentada e até celebrada.

Não é sobre censura. É sobre ética. Sobre aquilo que a cultura consome sem se perguntar o que está, de fato, alimentando. O desafio é olhar para esses dados não com moralismo, mas com crítica. Com o desejo de descolonizar o erotismo, de desobedecer ao *script* do gozo como dominação. E, sobretudo, de questionar a forma como estamos ensinando (ou não ensinando) os sujeitos a desejarem, pois o desejo, como dizia Lacan (2003), é sempre desejo do Outro, mas o Outro que construímos pode ser um reflexo de nossas piores fantasias sociais.

Evidenciou-se ainda no relatório do *PornHub* de 2025 que o Brasil teve 38% de visitantes mulheres – abaixo de países como Filipinas e Argentina – nota-se um crescimento global de 1,5% na presença feminina em sites pornográficos, desafiando discursos de que o desejo feminino seria silencioso ou inexistente (Figura 4).

Figura 4 – Distribuição de visita no site por gênero, segundo países 2025



Fonte: Relatório/PornHub 2025.

Entre as estrelas pornográficas mais visitadas no Brasil encontram-se Elisa Sanches, Abella Danger, Violet Myers, Alex Adams e Maximo Garcia, cada qual operando como signo de regimes corporais e performáticos específicos, que organizam a gramática do desejo no mercado pornográfico contemporâneo. Elisa Sanches, atriz brasileira, emerge como representação do corpo nacional erotizado, reiterando estereótipos coloniais de mulheres latinas como ardentes, disponíveis e hipersexualizadas – categoria historicamente marcada pelo imaginário pornotrope (Spivak, 1999), no qual a corporalidade feminina brasileira é construída como território de exploração sexual, gozo ilimitado e exotização racial.

Abella Danger, performer estadunidense, é conhecida pela figuração do corpo curvilíneo, glúteos e quadris largos, além de sua performance sexual intensa, marcada por

expressões de prazer exageradas e submissão voluptuosa, evidenciando a repetição do estereótipo da mulher pornográfica como disponível e constantemente desejante, tal como problematizado por Williams (2004) em sua discussão sobre o *frenesi do visível*.

Violet Myers constrói uma persona marcada pela valorização de um corpo curvilíneo, por uma performance erotizada intensamente visual e por uma presença cênica que mobiliza olhar, gestualidade e afetividade como elementos centrais da fantasia pornográfica e se aproxima de um regime de desejo baseado no excesso corporal, na sensualidade explícita e na performatividade consciente do erotismo, aspectos que contribuem para sua ampla circulação e procura na indústria.

Alex Adams, estadunidense, representa o arquétipo do homem jovem, musculoso, com performance sexual potente, configurando-se como objeto de projeção do masculino idealizado. Sua presença reafirma o corpo masculino como instrumento de poder e performance fálica, em consonância com a lógica pornográfica heterocentrada que coloca o pênis como centro do ato sexual e da narrativa erótica. Já Maximo Garcia, latino, performa um corpo racializado que tensiona a supremacia branca hegemônica da pornografia estadunidense, mas também, por vezes, reafirma estereótipos coloniais sobre virilidade latina, associada à potência sexual, força física e masculinidade agressiva.

O consumo massivo dessas estrelas no Brasil revela como o desejo pornográfico está atravessado por fantasias racializadas, generificadas e etarizadas, reafirmando padrões corporais normativos (corpos magros-curvilíneos femininos, corpos musculosos masculinos, juventude, pele clara) e regimes de poder fálico. Ao mesmo tempo, a presença de uma atriz nacional como Elisa Sanches explicita o desejo por corpos culturalmente situados que reafirmam o imaginário erótico sobre a mulher brasileira, ressoando discursos coloniais que ainda estruturam as práticas de consumo pornográfico no país.

Por fim, o relatório reitera a pornografia como campo de produção, regulação e experimentação do desejo, revelando tensões entre o proibido e o permitido, o nacional e o estrangeiro, o cis e o trans, o real e o animado. Ao que parece, a pornografia emerge não apenas como espaço de prazer, mas como laboratório político e ético no qual projetamos, consumimos e reproduzimos as fantasias que estruturam e limitam nosso campo de possíveis eróticos.

## Analizando a pornografia no *PornHub* por meio das práticas de divulgação no X

A plataforma X, anteriormente conhecida como Twitter, tem se consolidado como um dos poucos espaços entre as grandes redes sociais que permitem a circulação livre de conteúdo pornográfico. A característica se distingue de outras, como Instagram, Facebook e TikTok, que adotam políticas rigorosas de moderação e censura de nudez. Nessa forma, em primeiro lugar, é necessário compreender o *design* técnico da plataforma. A rede social funciona com base em um sistema de *hashtags*, algoritmos de recomendação e redes de seguidores que facilitam a circulação de conteúdo de nicho, inclusive sexualmente explícito.

A ausência de bloqueios automáticos rígidos e a possibilidade de marcar conteúdos como “sensíveis” oferecem aos produtores de pornografia um ecossistema midiático promissor, pois, permite a publicação e monetização indireta de material pornográfico. Muitos perfis utilizam o X como vitrine para promover conteúdos vendidos em outras plataformas como *OnlyFans*, *Privacy* e outras redes pagas, como destaca David Costa e Clotilde Perez:

Nos últimos quatro anos, com o banimento da pornografia no Tumblr e o advento da pandemia mundial causada pelo covid-19, muitas pessoas têm se voltado para a produção e divulgação de pornografia amadora em plataformas digitais como uma maneira de obter ganhos financeiros, sendo o Twitter uma das mais utilizadas para a plublicização deste tipo de mídia (Costa; Perez, 2023, p. 2).

Para além da monetização e do aspecto técnico, há uma dimensão sociocultural importante. A pornografia no X não está apenas ligada à indústria tradicional, mas também à ascensão do chamado “pornô amador” e da economia de criadores. Nesse contexto, a produção e o consumo tornam-se mais personalizados e interativos, com influenciadores e trabalhadores sexuais mantendo contato direto com seu público, criando laços de intimidade e autenticidade. Assim, a partir da autonomia para criar os próprios conteúdos, os grandes estúdios perdem espaço para indivíduos autônomos que controlam sua própria imagem e distribuição.

No entanto, a permissividade do X com a pornografia também levanta questões éticas e legais. A ausência de mecanismos robustos de verificação de idade e



consentimento pode facilitar a circulação de conteúdo não consensual, de menores de idade ou envolvendo situações de exploração sexual.

Ao aprofundar a análise do perfil do *Pornhub* no X, verifica-se que sua atuação combina estratégias de marketing digital e práticas de curadoria de conteúdo, explorando recursos como a publicação de *teasers*, *trailers* curtos e memes de caráter sexualizado para atrair seguidores. Esses materiais, sempre acompanhados de *links* diretos, funcionam como porta de entrada para redirecionar o público ao site oficial.

Logo, ao contrário de criadores independentes, o *Pornhub* opera com grande capacidade de investimento em anúncios indiretos, produção profissional e análises de engajamento, o que lhe confere vantagem competitiva na disputa por atenção e monetização. Além disso, a presença do *Pornhub* no X contribui para um processo híbrido, ou seja, a plataforma traz os atores como protagonistas no perfil, desde conteúdos amadores e profissionais.

Para isso, ao observar o perfil do *Pornhub*, no X, além das informações já mencionadas, é importante salientar que o usuário @Pornhub conta com cerca de 3,8 milhões de seguidores, o que demonstra seu amplo alcance e potencial de engajamento na plataforma. As postagens são predominantemente centradas em performances femininas e seguem um padrão visual alinhado ao mercado *mainstream* da pornografia: corpos padronizados.

Observou-se que, nessa vitrine gratuita, o perfil utiliza marketing de plataforma cruzada, divulgando o site oficial e marcando os autores nas publicações. Ao longo do tempo, o conteúdo da plataforma mudou, com menor exposição de atos sexuais explícitos, indicando uma tendência voltada a uma estética mais sugestiva e seletiva, explorando a sensualidade de forma velada para alcançar um público mais amplo e atender a diretrizes mais restritivas.

### Considerações finais

O relatório do *PornHub* 2025 evidencia que a pornografia, mais que entretenimento sexual, funciona como dispositivo biopolítico de modelagem do desejo, territorialização de fantasias e produção de subjetividades. O consumo pornográfico atua como tecnologia de poder, organizando corporeidades segundo regimes algorítmicos, racializados, generificados e infantilizados, reafirmando estruturas coloniais e

cisheteropatriarcais e alimentando o capitalismo cognitivo-afetivo. As plataformas digitais ampliam a circulação desses conteúdos, reforçando padrões normativos e uma economia do desejo mediada por métricas e algoritmos.

Assim, o desejo contemporâneo ancora-se na lógica do Outro como objeto domesticável, consumível e descartável, evidenciando um gozo que busca prazer sem risco ou encontro real. Da erotização racializada ao fetiche infantilizado, do *coaching* masturbatório às performances transfetichizadas, observa-se que o desejo é historicamente produzido e regulado, consolidando normas que naturalizam a exploração e objetificação.

Portanto, a pergunta que emerge nesta pesquisa é: que desejo estamos produzindo e consumindo ao naturalizar roteiros que domesticam, fetichizam e silenciam a alteridade? O desafio crítico não é censurar, mas descolonizar o desejo, reinscrevendo o erótico como encontro com o outro, não como dominação, mas como invenção de mundos possíveis, em que corpos possam existir e vivenciar o prazer em sua complexidade, sem serem reduzidos a produtos de um mercado que lucra com fantasias de opressão. Essa reflexão exige repensar o consumo e as políticas culturais, educativas e tecnológicas que moldam o desejo contemporâneo, especialmente a influência de plataformas como o Pornhub nas experiências sexuais.

## Referências

BATAILLE, Georges. **Erotismo**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obra original publicada em 1957).

COSTA, David; PEREZ, Clotilde. **Produção e circulação de pornografia amadora e homoerótica no Twitter**: um olhar sob as perspectivas das mediações e das mídiatizações. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, PUCMinas. Anais Intercom. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003164968.pdf>.

COSTA, Elce; COSTA, Michel; GUERRA, Avaetê de Lunetta. **A filosofia de Georges Bataille**: o erotismo como objeto de estudo. Boletim de Conjuntura (Boca). Boa Vista, v. 16, n° 46, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2453/903>.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 48. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021.

KENDRICK, Walter. **The secret museum: pornography in modern culture**. New York: Viking, 1987.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro; versão final de Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

PORNHUB. **2024 Year in review**. 2024. Disponível em: <https://www.PornHub.com/insights>. Acesso em: 05 jul. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 6. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2021.

SILVA, Laura. Os limites entre o erótico e o pornográfico em O amante de Lady Chatterley *Litterata*: **Revista Do Centro De Estudos Hélio Simões**, p. 60-73, 2015. Disponível: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/853>. Acesso Em: 05 jul. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Orgs.). Marxism and the Interpretation of Culture*. Basingstoke: Macmillan Education, 1988. p. 271-313.

VEIGA, Maria Júlia. **Etnografia do PornHub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia**. 2015. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia), Universidade de Brasília (UnB), 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015\\_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf). Acesso em: 05 jul. 2025.

VESCHI, Benjamin. Etimologia de Pornografia. **Etimologia**, 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/pornografia/>. Acesso em: 05 jul. 2025.

WILLIAMS, Linda. **Hard core: power, pleasure, and the “frenzy of the visible”**. Berkeley: University of California Press, 1989.

WILLIAMS, Linda. **Porn studies**. Durham: Duke University Press, 2004.